

HAITIANOS NO MERCADO DE TRABALHO EM LONDRINA – UM ESTUDO DE CASO

SEBASTIÁN FRANCISCO LUPERA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

ISABELI RAMOS NEVES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

HAITIANOS NO MERCADO DE TRABALHO EM LONDRINA – UM ESTUDO DE CASO

1. Introdução

Trata-se de um estudo de caso qualitativo que para Merriam (1998), é um conceito guarda-chuva, que engloba inúmeras formas de pesquisa possibilitando a melhor compreensão dos agentes, com o melhor afastamento possível do ambiente natural, onde foi utilizado o método de história de vida, que tira o pesquisador de seu pedestal de “dono do saber”, para dar lugar ao sujeito, ouvindo o que tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida, tendo assim como objeto de analisar a experiência enfrentada pelos haitianos na interação com a sociedade e com o mercado de trabalho depois de ter chegado ao Brasil, tendo em conta o tema de estereótipos e prejuízos “Não sou o escravo da ideia que os outros tem de mim, sim não da minha aparência” (FANON, 2008, p. 115). É sabido, que a inserção no mercado de trabalho, especialmente, na capação de reciclagem, no Brasil, não se dá pela consciência ambiental da população, mas por uma questão de necessidade. A utilização da história oral de vida, possibilitará a identificação de fatores ocultos que influenciaram para a inserção nesse nicho de trabalho marginalizado.

O trabalho foi desenvolvido, a partir de informações coletas na Cooperativa de Reciclagem, CooperRegião, onde foram encontradas quatro mulheres haitianas, que desenvolviam sua atividade laboral, na separação de materiais reciclável. Entramos em contato com elas e uma dentre as quatro aceitou participar da pesquisa. Inicialmente esperava se ter realizado a entrevista somente à Magdala Joseph (Mandala, como gosta de ser chamada), 41 anos, quem aceitou por médio de uma empresa nossa intervenção, mas enquanto a entrevista estava sendo feita, o marido, Pedro Perdre, de 45 anos, teve interesse no tema e começou a aportar com a experiência dele, sendo assim, obtivemos a experiência deles como casal com uma perspectiva individual.

A análise dos dados revelou que existe diferença na absorção no mundo do trabalho, entre mulheres e homens haitianos. Chegamos ao entendimento, que embora as relações de gênero e de preconceito, vinculadas ao trabalho serem aparentes e não aceitáveis, há uma satisfação dos imigrantes em estarem no país pela comparação obtida do seu antes e seu depois da experiência da mudança de vida. “A experiência é concebida como estrutura dominante e força transformadora” (LEMKE, 2011, p. 2). A gratificação deles pela boa recepção ao Brasil, mostra se na boa atitude e em atos de tentar ajudar a pessoas que estão na mesma ou pior situação.

Palavras-chave: História de vida, Experiência, Mercado de Trabalho, Imigrantes.

2. Problema de pesquisa e objetivo

A presença de haitianos no Brasil, imigração, que era pouco expressiva, se intensificou no final de 2010 após o terremoto que atingiu o Haiti. A catástrofe provocou a morte de mais de 150 mil pessoas e deixou cerca de 300 mil deslocados internos. Após esse desastre, vários países se mobilizaram para intervir na reestruturação do país e no cuidado com as pessoas. Além do auxílio econômico, o Brasil ofereceu refúgio. Nesse contexto, na tentativa de ter uma vida melhor, vários haitianos deixaram seu país e com grande sacrifício entraram no Brasil.

Após sua chegada no país, os haitianos enfrentaram e ainda enfrentam inúmeras dificuldades. Uma das maiores está relacionada ao idioma, pois a maioria não entende e nem sabe falar o português e por isso tem grandes dificuldades de arrumar emprego na sua área de formação e acaba sempre sendo direcionada para a área da construção civil. Além disso, algumas

empresas têm se aproveitado da falta de conhecimento desses trabalhadores, com relação as leis trabalhistas e tem os demissão logo após os três meses de experiência para que o empregador não tenha responsabilidades trabalhistas.

Diante do exposto, se faz necessário investigar como essas pessoas vem sendo absorvidas pelo mercado de trabalho, em especial em Londrina. O artigo busca discutir os desafios da inclusão no mercado de trabalho dos imigrantes haitianos em Londrina, levando em consideração as questões raciais e de gênero. Nessa discussão, nós enquanto pesquisadores, não assumiremos aqui uma leitura parcial da temática, pois temos características similares aos pesquisados, sendo uma mulher negra e um homem estrangeiro, que de formas diferentes entende, em parte, a realidade por eles vivenciadas.

O objetivo é analisar a experiência enfrentada por haitianos na interação com a sociedade e com o mercado de trabalho depois de ter chegado ao Brasil. A primeira parte deste artigo apresenta o marco teórico que trabalha, preconceito e estereótipos e a experiência em Foucault. Logo após trabalharemos as dimensões metodológica e ao final a análise da entrevista.

3. Fundamentação teórica

3.1 Preconceito e estereótipos

A sociedade que funciona através de uma dinâmica estabelecida por o capitalismo, onde cada pessoa dedica sua vida às funções que permitem lhe desenvolver neste médio como estudar, trabalhar, casar, ter filhos, entre outros, é fundamental a interação com outras pessoas, que é justamente o meio pelo qual se manifestam todos os comportamentos associados as relações interpessoais. Comportamentos que são influenciados pelos conceitos criados socialmente, como gênero, raça, etnia, identidade. Estes conceitos permitem delimitar entre grupos aos indivíduos que se juntam por características similares compartilhadas. Esta pratica denomina se como estereótipos “nós vemos como características de grupos sociais, ou de membros individuais desses grupos, e particularmente aqueles que diferenciam grupos uns dos outros. Em suma, eles são os traços que vêm à mente rapidamente quando pensamos sobre os grupos” (STANGOR, 2009, p. 2, tradução própria) O estereotipo consiste em uma imagem estruturada e acetada pela maioria das pessoas como representativa de um determinado coletivo. A categorização destes grupos se produz com frequência em função do sexo, a raça, a idade e o atrativo físico das personas, em parte porque estas características são imediatamente evidentes fisicamente para nós quando vemos outras pessoas. Os estereótipos são importantes porque formam parte integrante da nossa vida cotidiana, convertem se parte de nosso linguagem já que inconscientemente os usamos como ferramenta de nosso conhecimento para interagir com as demais pessoas.

Atada à ideia de estereotipo também esta a ideia do prejuízo “Nós [...] definimos o preconceito como uma atitude negativa em relação a um grupo ou em relação aos membros do grupo” (STANGOR, 2009, p. 2, tradução própria) Que são ideias ligadas a um grupo específico e por associação a esta mesma se reflete com todos os membros do grupo, como por exemplo se tem a ideia de que todas as pessoas que tem formação acadêmica em leis e exercem como advogados são imediatamente relacionados à ideia de corrupção, extorsão ou abuso de poder. Estes podem ser tanto do tipo social, cultural o racial, considerando que toda categorização tem por detrais um prejuízo. “[...] somos todos não apenas filhos de nossos pais e mães específicos, o que nos confere uma biografia e, portanto, uma identidade peculiar, mas somos também, em grande medida, “filhos” da nação com a qual nos identificamos” (SOUZA, 2009, p. 34).

A discriminação relacionada aos prejuízos tem efeitos negativos na saúde física e mental de quem experimentam isso, tanto como angustia psicológica, depressão, e níveis mais baixos de

satisfação com a vida e estado emocional. Crer que não é vítima também pode proporcionar um método de armazenamento na memória intermedia de autoestima (Major, Kaiser, & McCoy, 2003) já que os indivíduos de grupos estigmatizados também podem internalizar e aceitar as crenças negativas associadas com seus grupos. “Quando me quere, fala-se que é além da minha cor. Quando me odeia, fala-se se que não pela cor... Aqui ou ali sou prisioneiro de um círculo infernal” (FANON, 2008 p. 116, tradução própria). O racismo e o sexíssimo tem se baseado na ideia que temos mais prejuízo do que importa nos mostrar a nós mesmos ou a outros e que expressamos aqueles prejuízos mais quando podem ser cobertos por outras justificativas externas.

“Nas relações de poder a sexualidade não é o elemento mais surdo, sim não, mais bem, um dos que estão dotados da maior instrumentalidade: utilizável para o maior numero de manobras e capaz de servir de apoio, de bisagra, as mais variadas estratégias” (FOUCAULT, 1988 p. 62, tradução própria).

Socialmente o gênero entende-se como uma categoria adicional que influência à concepção do mundo e todo o que esta dentro de ele, dividindo e associando todo objeto e toda ação a construção de gênero, tanto masculino como o feminino. A pesar dos movimentos sociais que buscam a equidade de gênero, a sociedade manifesta-se ainda por estas concepções e lançam mão dos prejuízos causados cada um dos gêneros.

Com o uso dessas concepções, é como a sociedade desenvolve em todo âmbito, tanto familiar, laboral e de todo tipo de interações, que mostra um meio absolutamente fragmentado pela mania humana de classificar e separar todo, colocando aos indivíduos estigmatizados numa posição mais difícil para sair adiante na luta pela sua supervivência. “Não sou o escravo da ideia que os outros tem de mim, sim não da minha aparência” (FANON, 2008 p. 115, tradução própria). Tanto como na dinâmica da sociedade no mercado laboral o prejuízo esta implantado no domínio do sistema em que os “favorecidos” por características aceitadas socialmente e as mais valorizadas tem mais facilidade para sair adiante. “o “branco” simboliza o capital, como o negro o simboliza o trabalho” (FANON, 2008 p. 126, tradução própria).

Tradicionalmente se espera que os negros sejam gratos aos brancos por generosidades que lhes foram concedidas, e que continuem dependendo dos brancos que agem como patronos e benfeitores deles; também se espera que os negros continuem aceitando os brancos como os porta-vozes oficiais da nação (NASCIMENTO, 1978 p. 45).

A discriminação pela raça e gênero limita o desenvolvimento dos estigmatizados no mercado laboral e social, atando lhes a um circulo de trabalhos diminuto, em condições que nem sempre são as mais favoráveis e em especial que no desenvolvem suas capacidades cognitivas como teria que ser.

3.2 A experiência em Foucault

A palavra experiência que vem do latim *expēriētia*, deriva-se do verbo *expēriōr* que significa tentar ou provar (ELE, 2017), ou seja nas suas raízes a palavra mesma mostra uma tentativa de estabelecer uma verdade por meio de submeter a prova algum fato. Desta forma pode se ter uma noção inicial do que vou propor entender por meio do entendimento do filósofo Michael Foucault, na sua terceira fase que pode se encontrar na recopilação de seus artigos e entrevistas nos volumes Ditos e Escritos I-IX.

Segunda *Real Academia de la Lengua Española* (2017), a palavra experiência significa:

1.f. Fato de ter sentido, conhecido ou presenciado algo por alguém; 2 f. Prática prolongada que proporciona conhecimento ou habilidade para fazer algo; 3 f. Conhecimento da vida adquirido pelas circunstâncias ou situações vivenciadas; 4 f. Circunstâncias ou acontecimentos vivenciados por uma pessoa. (Tradução própria).

Segundo novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (2004) o significado da palavra experiência é o seguinte:

1.f. Ato ou efeito de experimentar(-se); experimento, experimentação 2.f. Prática de vida: *É homem vivido, cheio de experiência*; 3.f. Habilidade, perícia, prática, adquiridas com o exercício constante duma profissão, duma arte ou ofício: *É um professor com experiência, tem 20 anos de magistério* 4.f. Prova, demonstração, tentativa, ensaio: *experiência química*. 5.f. experimentação. 6.f. Conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos. 7.f. Conjunto de conhecimentos individuais ou específicos que constituem aquisições vantajosas acumuladas historicamente pela humanidade.

O conceito nas duas línguas tem muito em comum, especialmente pelo fato da existência de um conhecimento e de uma vivência. Deixa bem em claro que o sujeito passa por uma situação que estimula seus sentidos e que dela obtém algo ao seu favor, tanto como um conhecimento ou uma habilidade ligada aquela vivência.

Esta palavra carrega uma quantidade considerável de fatos, pois para que uma experiência aconteça é necessário um sujeito, um ou vários objetos, a interação deles dentro das dimensões tempo-espço, a intervenção dos sentidos, do raciocínio, das habilidades da pessoa, entre outros, que finalmente deixam um novo conhecimento, uma ideia ou uma lembrança do vivido. Agora, sabendo que esta palavra tem uma derivação do verbo tentar e provar, a participação da pessoa nesta vivência é fundamental, seja de forma ativa ou passiva, precisa formar parte das dimensões indicadas justamente como forma de tentar, provar ou corroborar por meio dos sentidos a existência daquela experiência. Sendo assim uma experiência pode se entender como uma forma de conhecimento, consequência duma vivência empírica de uma pessoa e que demarca um saber pontual daquela experiência em particular.

Estando mais perto do conceito geral desta palavra pode se colocar uma particularidade que Foucault (2009) descreve da experiência, pois além do descrito qualquer vivência deixa consequências, assim como o tempo não pode voltar, as experiências não podem se desfazer. O filósofo coloca que as experiências tem a característica da transformação do indivíduo, justamente pela oportunidade de ter acesso a uma vivência única da pessoa.

Aqui eu faço ênfase na palavra única, pela causa que aquela vivência jamais poderia se repetir da mesma maneira de como foi sucedida, considerando todos os fatores indicados anteriormente mais qualquer variável adicional e situacional que só poderia ter acontecido por aquele momento, como fatores físicos (temperatura do ambiente, condição climática, estrutura do lugar, objetos e pessoas presentes, entre outros), fatores emocionais e psicológicos das pessoas envolvidas (pensamentos, sentimentos, pulsões, e outros). Todos estes fatores coincidem no mesmo momento para ser parte da experiência da pessoa, sendo um acontecimento atípico e que não poderá se repetir nunca do mesmo jeito.

Voltando para o pensamento de Foucault (2009), a característica transformadora do indivíduo que vivência a experiência, pode se considerar em mudanças simples ou significativas, o que determina um antes e um depois da vivência, duas etapas que denotam a mudança na transformação do sujeito. Ele exemplifica esta ideia em uma de suas entrevistas, explicando que seus livros são, para ele experiências, no sentido literal da palavra, já que deles saiu transformado.

[...] é algo do qual se sai transformado. Escrever não é um ato de comunicar o que já se sabe. Esse tipo de escrita, diz Foucault, ele não teria coragem de fazê-lo. Ele escreve porque não sabe ainda exatamente o que pensar dessa coisa que ele deseja muitíssimo pensar. Trata-se de uma experimentação, e não de um trabalho de teoria para construir um sistema geral. (FOUCAULT, 2009, p.9)

A experiência cumpre o papel fundamental de tornar as pessoas diferentes de como tinha sido antes, indistintamente dos objetos envolvidos, a mudança radica especialmente nos sujeitos participantes. “tem como objetivo arrancar o sujeito de si mesmo, ou que ele chegue à sua dissolução.” (FOUCAULT, 2009, p.9)

Porém, isto não significa que a mudança vai ser a mesma para todos os sujeitos, a assimilação dos fatores envolvidos vai ser diferente em cada um, além de que cada pessoa tem uma história pessoal cheia de experiências distintas e que colocam a cada uma em uma situação particular antes e depois de cada vivência. A consequência disto a transformação será igualmente particular, com maior ou menor impacto visível.

Foucault (2012) não tratou de forma sistemática o conceito da experiência, mas por meio de suas entrevistas ele exemplifica o que entendia do tema e traz uma ideia do que ele esperava dela:

Quando escrevemos livros, desejamos que estes modifiquem inteiramente tudo aquilo que pensávamos e que, no final, nos percebamos inteiramente diferentes do que éramos no ponto de partida. [...] Talvez tenhamos mudado de perspectiva, girado em torno do problema, que é sempre o mesmo, isto é, as relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência. (FOUCAULT, 2012, p. 289)

Neste contexto, a experiência permite uma afirmação sobre um fato que aconteceu na realidade do sujeito e que é associada com seu significado, ou seja, o novo conhecimento gerado pela vivência passa a ser uma verdade, uma crença que corresponde à realidade do sujeito.

Foucault (2012) tinha consciência das mudanças que a experiência fazia nele e deslumbrado por isso, ele usava ela a seu favor, aproveitando as vantagens de se expor ante novas vivências intelectuais para obter outras, como consequência das mudanças. Neste sentido, faz pensar que as transformações são positivas, que o novo conhecimento é favorável e em especial não tem forma nenhuma de saber o que esperar dele, ou seja o que o sujeito ganha é algo imprevisível. “Cada um dos meus livros representa uma parte da minha história. Por uma razão ou por outra, foi-me concedido experimentar ou viver essas coisas” (FOUCAULT, 2012, p. 206).

Estas experiências permitem expandir novos horizontes de compreensão, de olhares e de vida. Tem a possibilidade sempre aberta de ser outra coisa, de pensar mais lá de qualquer limitação. Ela transforma a subjetividade de cada sujeito, a maneira como ele pensa que é, o que sente, aquilo pelo que se mede, se avalia e diz de si mesmo. Leva a pensar e a se identificar como um sujeito novo, por mais dizer, como um sujeito evoluído em comparação do antes e depois da experiência. Esta é constitutiva do que cada pessoa é, nos muda, nos transforma. “A experiência é concebida como estrutura dominante e força transformadora, como fundo existente de práticas e eventos transcendentais, o objeto de indagação teórica e objetivo de ultrapassar os limites históricos” (LEMKE, 2011, p. 2).

Para que a experiência possa se levar a cabo precisa das dimensões tempo-espço, pois estas permitem distinguir os dois tempos determinantes da experiência, que são o antes e o depois da vivência. Podem se colocar como etapas desta, considerando que da para entender um sujeito A, quem tem uma visão do mundo estabelecida, passando por uma experiência que traz uma quantidade importante de estímulos e informação que começa se integrar em um novo sujeito, somando esta vivência para um novo eu e transformando aquele entendimento do mundo anterior, dando como resultado um sujeito B que está depois da vivência. Estas duas etapas demarcam a temporalidade espacial da experiência e dão lugar para que os sujeitos vivenciem a transformação.

Foucault sublinha que seus livros funcionam como uma experiência, muito mais que a demonstração de uma verdade histórica. [...] o essencial não é a série daquelas descobertas verdadeiras ou historicamente verificáveis, pelo contrário, na experiência do que o livro faz possível. Agora, o fato é que esta experiência não é

nem verdadeira nem falsa. A experiência é sempre uma ficção: é algo que um fabrica para si mesmo, que não faz ele existir antes e existirá depois. (LEMKE, 2011, p. 10, tradução própria).

Nesta perspectiva, a experiência de escrever é a projeção da realidade na concepção do sujeito, da forma como ele percebe seu entorno e os fatos que são parte dela. É a apresentação de um mundo imaginário para o leitor e sua assimilação de acordo a seu entendimento da sua realidade.

Entende-se que a escrita, como forma de expressão dos indivíduos, é também um meio pelo qual a experiência se materializa nos sujeitos, pois a linguagem consolida a transformação do sujeito, esta permite que aquela experiência faça sentido na pessoa, que seja pensada, seja transmitida, e que se estabeleça uma materialização da vivência, já que a linguagem não é reduzida a um símbolo, ela faz parte da construção da realidade dos sujeitos. “É uma experiência em que a linguagem adquire uma das suas significações extremas e mais inesperadas” (FOUCAULT, 2009, p.18), já que a linguagem vem carregada de significações pela composição da palavras que tem sentido individual para cada pessoa, considerando a forma em que seja usado, a significação vai ser da mesma forma particular e poderá expressar o valor que o sujeito dá para cada símbolo da linguagem.

A construção da realidade e as ações que pode empreender o ser humano não são concebidas sem se recorrer a uma forma qualquer de linguagem. É graças a esta faculdade de expressar em palavras a realidade, tanto interior quanto exterior, que se pode aceder ao mundo das significações. (CHANLAT, 1987, p. 29).

Ao momento que o indivíduo articula os novos conhecimentos em palavras, eles se consolidam no novo sujeito, facilitando a percepção da mudança de acordo com o assimilado da experiência. Baseado nas ideias de Benveniste (1966) e Hagege (1985), Chanlat (1987, p.35) defende que “o universo do discurso, da palavra e da linguagem inerente ao ser humano transforma-se então em um ponto-chave indispensável à sua compreensão”.

A experiência produz sentido no sujeito por meio da linguagem e eventualmente esta mudança vai se fazendo parte do novo sujeito, vai sendo consciente dela, e a qual permite contar com novas ferramentas para as próximas experiências. Ou seja ferramentas no sentido de conhecimentos e habilidades que permitiram reagir de diferentes maneiras ante qualquer situação, usando como exemplo uma criança que aprende como reagir quando está perto de um perigo, como um carro a alta velocidade que passa perto dele com a possibilidade de ser machucado, nas próximas vezes terá uma reação diferente ao mesmo estímulo, deixando a primeira experiência como uma lição de como reagir para não correr colocar em risco sua integridade como sujeito.

Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos. Os objetos são um pouquinho determinados pelos instrumentos, bons ou maus, fabricados por mim. Eles são falsos, se meus instrumentos são falsos... Procuo corrigir meus instrumentos através dos objetos que penso descobrir e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou ti- tubeio, de livro em livro. (FOUCAULT, 2006, p.229)

É assim que o Foucault (2006) percebe suas próprias mudanças por meio da experiência de escrever seus livros, como diferencia os novos conhecimentos adquiridos depois de ter concluído ou avançado nas suas obras, ou no caso dele, objetos que aparecem naquela dinâmica de corrigir seus instrumentos para produzir novos objetos. Paralelamente é assim como ele também se produz como sujeito.

4. Discussão

Após a realização da entrevista e análise da transcrição, extraímos as seguintes categorias: experiência antes e depois da chegada ao Brasil- preconceito e questões de gênero.

4.1 Experiência antes e depois da chegada ao Brasil

Por meio da fala dos entrevistados evidentemente pode se ratificar que existe uma mudança importante neles colocando as duas categorias de tempo, antes e depois, em que antes sua realidade estava sendo construída pela dimensão do espaço onde eles moravam, que tinha grão influencia especialmente pelo estilo e qualidade de vida que eles levavam pela crises que existe na atualidade em Haiti, onde teve uma aumento considerável de migração para países que estivessem em melhores condições, foram justamente esses os motivos que levaram eles ter saído da sua mãe pátria em busca de uma melhor vida 13 anos atrás. Os entrevistados explicaram que as condições sociais do país onde eles moravam não eram as mais favoráveis para construir uma vida especialmente para seus filhos, pela questão do trabalho

Lá em Haiti você pode ter papel de trabalhar, porque lá em Haiti há gente que nascia, tem 60, 70 anos, nunca trabalhou, nunca.. estuda, termina su estúdio, faz faculdade, e não consegue trabalho, não há trabalho” (Pedro e Mandala), segurança, saúde e oportunidades, “[...] a escola? Não termine tudo, porque ya ganho nenê, e lá em Haiti se você salió grávida não podia estudar [...] (Mandala)

É importante ressaltar que além da situação difícil de todas suas compatriotas, existe um sentido de solidariedade muito forte entre ele, o que significa que seus valores sociais estão bem enraizados e que a crises estão vivenciando todos eles juntos, tentando se apoiar e ajudar de qualquer jeito.

[...] lá em Haiti gente vivia em Estados Unidos, em Nueva York, porque tudo mundo tem uma o duas pessoas lá que trabalham, que manda dinheiro todos o meses, para a família ou para as amizades para sobreviver, qu manda dinheiro para a família, um amigo que conhecia da escola manda dinheiro, porque se não não tem outro jeito, verdade lá em Haiti tem gente que dormia sem comer, há que falar a verdade, há que falar, esta difícil, momentos difíceis, há pessoas que dormir sem comer nada (Pedro e Mandala)

Neste caso especificamente é complexo ubicar o depois da experiência pelo fato que o casal Haitiano teve varias mudanças considerando países e situações laborais durante varias anos, mas em perspectiva pode se trazer várias mudanças que tem acontecido durando todos esse anos, tanto como a mudança da língua como o crescimento de integrantes da família. Eles tem filhos: dois que ainda estão em Santo Domingo e o casula que mora com eles em Londrina. A dinâmica de vida tem mudado de acordo as funções que eles desempenham no seu dia a dia para obter alguma renda, mas o foco de vida se mantém considerando que sua prioridade é a supervivência deles e dos seus.

[...] mandar 500 reais para os filhos, 600 de aluguel, são 1100 reais, não tem para consumir, [...] vai ficar assim até Mandala conseguir um trabalho, eu creio em Deus [...] o que eu recebi não da para comida, não compramos nada, verdade com 1300 reais, 600 casa, e 500 a os filhos, e tem que usar internet, porque tem que falar só em *whatsapp*, internet 70 reais menos, aí acabou (Pedro).

Como podemos notar na fala de Pedro, os recursos financeiros que a família obtém por meio do trabalho, não são suficientes para suprir todas as suas necessidades. Dessa forma, observamos muito fortemente o apreço que o casal tem pela comunidade onde estão inseridos, pois os alimentos do casal vem através de doações realizadas pelas igrejas, católicas e evangélica da comunidade.

Aqui não tem dinheiro, tem comida, tem bastante gente que sabe que o dinheiro que recebo aqui não dá para comprar comida, a comunidade todos os meses trazem todo, todo, todo [...] comida, roupa, uma vez por mês, trazem aqui, dia 7, dia 8 de cada mês [...] quando ganhe nem a comunidade ajudou (Pedro e Mandala)

Devido a dificuldade com a língua, Pedro frequenta a escola Municipal do bairro, onde é ofertado ensino para jovens e adultos. Dessa forma, fica evidente a necessidade e satisfação que a família tem com a integração social comunitária, pois por várias vezes tomam isso por referência. A realidade atual do casal está cheia de satisfação justamente pela ajuda que ele recebe tanto da comunidade, da sociedade e das oportunidades que eles têm recebido desde a chegada no Brasil.

Yo gostei de mudar aqui no Brasil, mais tranquilo, mais gente, [...] os vizinhos são muito boas pessoas [...] no Brasil há trabalho, há muito trabalho, só tem que sair buscar, a pessoa vai procurar, a que sair buscar, agente que não gosta sair, gente vaga (Pedro).

Isto denota uma mudança considerável na vida deles, fazendo referência às necessidades primárias do ser humano para ter uma vida digna, e que permite ter consciência das coisas realmente importantes na vida, sobre tudo quando a sobrevivência da sua família é maior prioridade e que a ajuda das pessoas é bem vinda quando a necessidade sobrepassa questões de orgulho e julgamento social. “A experiência é concebida como estrutura dominante e força transformadora” (LEMKE, 2011 p. 2), que permite evidenciar as mudanças de concepções de vida, de entendimento de mundo e a relação com as pessoas.

4.2 Preconceito e questões de gênero

Mandala, como gosta de ser chamada, iniciou sua fala dizendo “Porque em todo o mundo as pessoas de cor passam mais dificuldade do que as pessoas que têm cor branca [...] por isso que Michael Jackson mudou de cor (risos)”. A partir dessa fala, podemos pensar na definição de preconceito de Stangor (2009) que afirma que o preconceito é uma atitude negativa em relação a um grupo ou a membros do grupo. Na entrevista realizada verificamos a ação preconceituosa em vários momentos. O preconceito se manifestou na vida do casal por diversas formas, incluindo a questão racial e de gênero.

[...] aqui não estou fazendo nada, só meu marido que está trabalhando [...] não tive chance de conseguir trabalho aqui, somente na reciclagem (Mandala) [...] Eu não tive dificuldade de encontrar trabalho, só ela... (Pedro) só eu, fiquei seis meses sem trabalhar, só consegui na reciclagem (complementa Mandala) [...] nos falaram que os brasileiros não queriam da trabalho para nós. (Mandala).

O racismo e o sexismo têm se baseado na ideia que temos mais prejuízo do que importa nos mostrar a nós mesmos ou a outros e que expressamos aqueles prejuízos mais quando podem ser cobertos por outras justificativas externas.

Medeiros e Macedo (2006) defendem que os trabalhadores catadores são excluídos do mercado formal de trabalho e veem na catação um trabalho que possibilita a garantir sua sobrevivência, de maneira informal, pois não possuem nenhuma garantia trabalhista. Mesmos com esses elementos, o trabalhador se sente incluído.

Quinze haitianos trabalhavam lá, mas foram indo embora assim, assim, agora ficar só três [...], eu fiquei de licença maternidade por quatro meses, quando retornei, não tinha ninguém para olhar Samuel, então sai. (Mandala).

Na fala citada a cima, podemos verificar a existência de dois elementos importantes, a inclusão dos trabalhadores haitianos em “sub-trabalho” e na relação de gênero estabelecida entre o casal, onde a mulher é a maior responsável pelos cuidados dos filhos. Socialmente o gênero entende-se como uma categoria adicional que influencia à concepção do mundo e tudo o que está dentro de ele, dividindo e associando todo objeto e toda ação a construção de gênero, tanto masculino como da feminino. Apesar dos movimentos sociais que buscam a equidade de gênero, a sociedade manifesta-se ainda por estas concepções e lançam mão dos prejuízos causados cada um dos gêneros.

Não tinha quem cuidar de Samuel, ai falei: vai lá e fala que não vai mais, porque não tem ninguém para cuidar do neném, renuncia o trabalho... se não tem ninguém para cuidar, ela tem que cuidar (Pedro).

Com o uso dessas concepções, é como a sociedade desenvolve em todo âmbito, tanto familiar, laboral e de todo tipo de interações, que mostra um meio absolutamente fragmentado pela mania humana de classificar e separar todo, colocando aos indivíduos estigmatizados numa posição mais difícil para sair adiante na luta pela sua sobrevivência. Tanto como na dinâmica da sociedade no mercado laboral o prejuízo está implantado no domínio do sistema em que os “favorecidos” por características aceitas socialmente e as mais valorizadas tem mais facilidade para sair adiante

Assim como boa parte dos haitianos homens, Pedro iniciou suas atividades laborais no Brasil na construção civil. Sua inserção no mercado de trabalho foi rápida, três dias após sua chegada no país. No entanto, não deixou de sofrer preconceito.

[...] quando chegou aqui em Londrina, chegou em um sábado, treze de março, sábado e domingo, domingo vai a igreja e segunda-feira vem uma pessoa me buscar e me levar a um pedreiro [...] ele é boa gente, ele é bom! Só que ele, quando se trabalho se ganha mil reais [...] eu precisar de dinheiro, eu tenho cinco filhos e tenho que mandar dinheiro, tenho que pagar aluguel, tem que comer, e ele falou: você não vai arrumar outro trabalho para assinar a carteira. Então eu fui! Então no primeiro dia de trabalho, o engenheiro disse: aqui não vai trabalhar com haitiano! ... então o pedreiro me chamou e disse: Pedro aqui você não vai poder trabalhar, porque não querem haitianos. Então para eu não perder o contrato, vou te levar em outra obra [...] Então teve que dar baixa na carteira, e tive um dia de trabalho, e no mesmo dia teve que registrar de novo.

A discriminação pela raça e gênero limita o desenvolvimento dos estigmatizados no mercado laboral e social, atando lhes a um círculo de trabalhos diminuto, em condições que nem sempre são as mais favoráveis e em especial que no desenvolvem suas capacidades cognitivas como teria que ser.

5. Conclusão

A pesquisa mostrou que apesar das dificuldades enfrentadas pelos haitianos no mundo do trabalho, sendo inseridos em subempregos, sofrendo preconceito, terem dificuldade na comunicação e no entendimento das leis e normais do trabalho, há uma satisfação e alegria em estarem em um país onde podem, minimamente, ter acesso ao trabalho, pois em seu país de origem, não desfrutavam dessa possibilidade, chegando a idade adulta sem ter conseguido experimentar o trabalho.

Apesar de muitas falas evidenciarem que viveram situações de preconceito, quando questionados a esse respeito o casal se mostra alheio a essa realidade, não se sentindo vítima de discriminação, mas enfatizando os benefícios obtidos na integração social e principalmente

laboral. Muito pouco foi falado por eles, conscientemente e de maneira crítica a respeito do assunto.

A cultura com relação ao gênero, nos pareceu similar a nossa sociedade, pois ao serem pais, a mulher foi quem teve que deixar de trabalhar para cuidar da criança, não houve uma conversa ou pontuação de pros e contra, mas somente uma determinação baseada no gênero. Outra situação foi a dificuldade de inserção da mulher no mundo do trabalho, evidenciando assim, que a mulher, negra, pobre e nessa situação em particular, imigrante, sofrem preconceito quatro vezes mais, dificultando sua colocação laboral.

A inserção social comunitária possui grande importância, pois a partilha já era algo presente em suas vidas no Haiti e encontraram na comunidade onde moram atualmente um local de acolhida, integração e partilha. Hoje, mesmo diante das dificuldades financeiras enfrentadas, o casal separa parte de seus ganhos para compartilhar com os mais pobres. Diante disso, percebemos que a privação de recursos e as dificuldades vivenciadas durante todo o processo de mudança, os tornaram pessoas melhores e mais humanas.

Sua experiência na nova vida no Brasil, proporcionou a eles o acesso a melhores condições de vida, pois sua história revela um sofrimento muito grande, incluindo privações em elementos básicos para a sobrevivência humana, com a falta de alimentos e água, revelando que por muitas vezes dormiram sem comer, para reservar o alimento para o outro dia. Dessa forma, entendemos que apesar de receberem doações para se alimentar, terem sua tarifa de água e luz, zeradas, por meio de programas sociais, aqui de alguma maneira conseguiram se empoeirar e serem protagonistas de suas próprias vidas.

6. Referencias Bibliográficas

AURÉLIO B. DE HOLANDA F. (2004) Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Editora Positivo. Curitiba (3)

CHANLAT, J. F. (1987), O indivíduo na organização: dimensões esquecidas, São Paulo: Atlas (1)

DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 2. ed. ia científica em ciências sociais São Paulo: Atlas, 1989.

ELE (2017), Etimología de la Lengua Española. Definiciones sobre el origen del léxico castellano o español. Recuperado de: <https://etimologia.wordpress.com/2014/03/26/experiencia/>

FANON, F. Peles negras, mascarar brancas. *A experiência vivida do negro* Salvador: EDUFA, 2008.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: I: a vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. (2006), Estratégia, Poder - Saber IV. Editora Forence Universitaria, 2 e.d.

FOUCAULT, M. (2009), Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e Escritos Vol. III. Rio de Janeiro, Editora Forence Universitaria, 2 e.d.

FOUCAULT, M. (2012), Ética, Sexualidade, Política. Ditos e Escritos Vol. V. Editora Forence Universitaria, 2 e.d.

LEMKE, T. (2011) 'Critique and Experience in Foucault', *Theory, Culture & Society* 28(4).

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? In: *Psicologia e Sociedade* – maio/ agosto-2006, vol.18, no 2, p.62-71.

MERRIAM, S. B. *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Allyn and Bacon, 1998.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RAE (2017), Real Academia Española. Asociación de Academias de la Lengua Española. Recuperado de: <http://dle.rae.es/?id=HleIZIn>

SOUZA, L. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

STANGOR, C. The study of stereotyping prejudice and discrimination within social psychology: a quick history of theory and research. In: NELSON (Edit.) *Handbook of prejudice, stereotyping and discrimination*. New York, Hove: Psychology Press, 2009.

TROMBADORI, D. (2010): *Conversaciones con Foucault*, Amorrotu, Bs. As.